

491
12.2632



CABRAL NÃO DESCOBRIU O BRASIL



DUARTE PACHECO PEREIRA
O GRANDE CAPITÃO GENE-
RAL DA ARMADA DE CALE-
CUTE VICEREI E GOVERNADOR
DO MALABAR NA INDIA.
PELOS SEUS RELEVANTES
SERVIÇOS QUE FES NAQUELE
CONTINENTE ALCANÇOU NO
VO BRAZÃO DE ARMAS E ME-
RECEU A SINGULAR ONRA DE
EL REI D. MANOEL O CONDUIZIR
EM TRIUNFO AO SEU LADO DI-
REITO DEBAIXO DO PÁLIO
EM HUA SELENÍSSIMA PRO-
CESSÃO QUE MANDOU FAZER
PARA ESTE FIM DESDE A SÉ
ATE S. DOMINGOS DE LISBOA
NA QUAL PUBLICOU EM
HUA ELEGANTE ORA-
ÇÃO PANEGÍRICA OS
SEUS HEROÍCOS SER-
VIÇOS O BISPO DE
VIZEU D. PEDRO
ORTIZ ANO
de 1504

Qual deles seria o descobridor?

- 1 — AMÉRICO VESPÚCIO ?
- 2 — ALONSO DE HOJEDA ?
- 3 — VICENTE YAÑEZ PINZÓN ?
- 4 — DIEGO DE LEPE ?
- 5 — DUARTE PACHECO PEREIRA ?
- 6 — ALONSO VELLEZ DE MENDOZA ?
- 7 — JEAN COUSIN ?

OU A DESCOBERTA TERIA SIDO ANTES DE CRISTO ?

Cabral, Pedro Álvares Cabral, não teria descoberto o Brasil! Esta a sensacional revelação que vários adversários do navegador português vêm fazendo através de várias hipóteses baseadas em asserções e documentos discutíveis.

O BRASIL EM JORNAL tem opinião formada sobre o assunto. Essa opinião vai expressa no editorial da quarta página. Clara. Precisa. Sem meias palavras.

No entanto, não podíamos deixar de abrir nossas colunas, neste quadragésimo aniversário do descobrimento, para dar guarida a esta reportagem de interesse indiscutível.

AS ORIGENS

Segundo os que divergem de Cabral, já no século XI era conhecida na Europa uma ilha chamada «Breasail», espécie de ilha da Ventura, proveniente de saga irlandesa e que aparece nas obras de Griffin. Ela surge nos mapas dos Medici em 1351 com o nome de «Brazi» e nas costas de África. Soleri denominou-a «Brazir» e colocou-a no pôrto do Tejo. O cartógrafo Pizzigano pôs em seu mapa nada menos de 3 ilhas denominadas «Bracir»: uma no oeste da Irlanda; outra a sudoeste e a última a oeste de Portugal.

Outros geógrafos pretendem identificar o Brasil com a ilha de S. Brandão, que figura em vários mapas antigos.

OUTROS DESCOBRIDORES

E surgem, então, os outros «descobridores». Américo Vespúcio, por exemplo, participou

SERIA O BRASIL ?

«I. Sand Branden» — Ilha de São Brandão, no local em que se encontra o nordeste do Brasil.

Globo de Martim Behaim do ano de 1491. Que diria Cabral ?

o Brasil em Jornal

1539/40 N.º 7	"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Director: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES



JUAN DE LA COSA

Morreu barbaramente trucidado por índios centro-americanos, em 1509. Foi o cartógrafo de Hojeda. Seu mapa (planisfério manuscrito) de 1500 registra uma Ilha de Brasil.



VESPÚCIO

«Gabolice, trapaça e mentira», dizem dele os defensores de Colombo e Cabral. Seu nome, no feminino (Américo) batizou o novo continente que deveria chamar-se «Colômbia».

da viagem de Alonso de Hojeda ao Novo Continente em 1499. Hojeda atesta isso no processo em que o filho de Colombo reivindica certos direitos. Juan de la Cosa, cartógrafo espanhol, cobriu essa viagem feita em dois navios. Na volta, em 1500, Juan fez constar em seu mapa as terras descobertas a 24 dias de viagem das Canárias.

Essas terras são descritas como muito chãs e cobertas de vegetação. Navegando para o sul encontraram nela um estuário pelo qual subiram 15 léguas, em meio a matas cerradas.

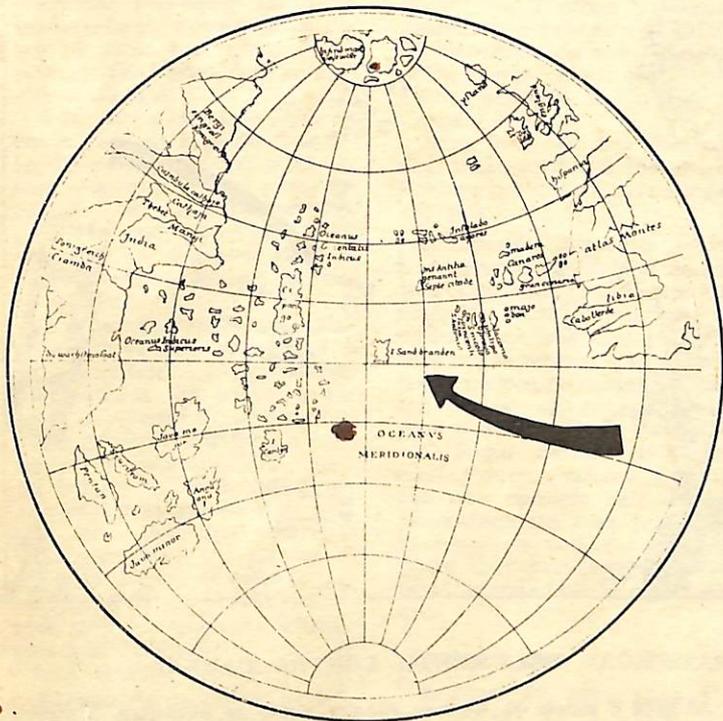
Vicente Yañez Pinzón, ex-comandante do «Niña» da frota de Colombo, e Diego de Lepe, são outros que passam por ter «descoberto» o Brasil antes de Cabral. Pinzón equipou 4 navios e saiu à procura de terras.

Em 20 de janeiro de 1500 avistou um cabo a que deu o nome de Santa Maria de la Consolación. Mais para o norte subiu um rio e anotou o curioso fenômeno do encontro das suas águas com as do mar. Teria atingido o Amazonas navegando-o e emprestando-lhe o nome de «mar dulce».

Diego de Lepe, por sua vez, entre fevereiro e março de 1500, saindo de Palos, como Pinzón, teria aportado ao Brasil, reconhecendo, ao que afirmam seus defensores, o Cabo de Santo Agostinho e deduzindo a conformação piramidal do Brasil.

BRASIL: 150 ANOS A. C.

Para os adversários de Cabral a representação das terras (Conclui na pag. 2)



CABRAL NÃO DESCOBRIU O BRASIL

(Conclusão da 1ª pág.)



CABRAL

Querem tirar-lhe a glória do descobrimento, como se não bastasse o esquecimento em que viveu depois do feito.

americanas já fôra feita 150 anos antes de Cristo, no globo de Crates, baseado na noção do equilíbrio necessário à Terra. Ai, a América atual figura como contrapêso da Europa. Tais terras, dizem, poderiam servir de ponto de apoio para a viagem às Índias.

Martim Behaim, cartógrafo, colocou a ilha de S. Brandão onde está o Brasil. Entre outros argumentos alegam, ainda, os adversários de Cabral, que Andrea Bianco, em 1448, assinalou uma Ixola Otinticha com a mesma posição do Nordeste brasileiro, coincidindo com certas afirmações, segundo as quais essas terras teriam sido descobertas antes de 1448, dali se trazendo areia aurífera. Em 12 de maio de 1500, Gaspar Córte Real pleiteou e obteve, doação de partes ali localizadas.

UM MISTERIOSO MAPA

Numa carta ao rei, Afonso de Albuquerque, o Terrível, dizia que, em 1510, recebeu de um monarca oriental um mapa de sêda antigo com a representação do Brasil. É um testemunho indiscutível, levando-se em conta o prestígio, o valor e a honorabilidade do seu autor, mesmo se sabendo que esse mapa foi perdido por Albuquerque no naufrágio do seu barco carregado de despojos.

TAMBÉM COLOMBO CONTESTADO

Os adversários de Cabral são, em grande parte, os mesmos que refutam a primazia de Colombo na descoberta da América. Para eles João Vaz Córte Real (1472) e outros chegaram ao novo continente antes de Colombo.

Os argumentos atingem Cabral, uma vez que os seus autores dizem que, se em meados do século passado, já se descobrira a parte setentrional do Novo Mundo, também é provável que a América Meridional já houvesse sido descoberta antes de 1500.

É fácil defender Cabral. Fácil porque seus defensores têm

argumentos efetivos e concretos, alguns detalhadamente documentados. E é dessa defesa que fazemos um resumo de reportagem, ao mesmo tempo em que, dentro d'êlo, os leitores encontrarão novos argumentos dos adversários do verdadeiro descobridor do Brasil.

Das provas oferecidas pelos que acompanharam Cabral em sua viagem uma só lhe é contrária. A carta de mestre João, físico da Armada, que diz taxativamente que se o rei quisesse saber a situação das terras descobertas, procure-as num mapa em poder de Pero Vaz de Bisagudo.

A CASUALIDADE

A questão da casualidade do descobrimento é outro ponto em debate.

Indicam que foi casual os seguintes indícios: Cabral não levou os marcos de pedra habituais; o retorno de Gaspar de Lemos com a notícia do descobrimento; os termos da carta de Pero Vaz Caminha ao rei.

A oração gratulatória de frei Henrique de Coimbra, após a missa, se refere ao descobrimento como a um milagre da Cruz de Cristo.

O DESVIO

O desvio da rota da esquadra, causado aparentemente pela corrente marítima e pela procura da nau desaparecida de Vasco de Ataíde, justificam uma completa mudança no rumo da esquadra.

Há também a teoria de que Cabral se desviou intencionalmente para contornar a calmaria da Guiné e aproveitar os ventos alísios favoráveis de Nordeste e, assim, seguir uma rota, embora mais longa, melhor para a navegação, dando ainda a esperança de descobrir o limite ocidental das calmarias equatoriais, rodeando os alísios de sudoeste.

VESPÚCIO: TRAPACEIRO

Cabral não teve precursores espanhóis, afirma a corrente

que defende a sua paternidade na descoberta. Hojeda, em 1499, não cruzou o Equador; Pinzón em 1500 não esteve no Amazonas; Diego de Lepe só visitou o Rio depois que Cabral revelou o Brasil ao mundo.

Quanto a Alonso de Hojeda afirmam muitos que seu companheiro Américo Vespúcio não passa de «refinado falsário e usurpador das glórias de Colombo». Seu relato de viagens em 1497 a 1499 «é mentiroso».

Ele teria feito apenas uma viagem e, com artifício, quis arrogar-se a honra da descoberta do continente que acabou recebendo o seu nome, numa das maiores injustiças já feitas na História. Vespúcio, afirma a corrente cabralina, é «um trapaceiro gabolas».

O DESCOBRIMENTO DE COLOMBO

Quando no Natal de 1493 a Espanha teve notícia da descoberta de Colombo, os ânimos se alvorçaram. A terra seria rica em ouro e pérolas. Entre os muitos que se dispuseram a explorá-la, figurou Alonso de Hojeda, fidalgo destemido da casa de Medina Coeli, que acompanhara o grande navegador em sua segunda viagem, demonstrando extraordinária coragem.

Com o concurso de Juan de la Cosa, cartógrafo, Hojeda zarpu de Palos na primavera de 99, tendo, antes, visto a carta de marear de Colombo. No processo movido pelo filho do descobridor, Hojeda afirmou que percorreu, na época, 200 léguas de costa, claro exagero no qual não se pode acreditar.

Ele não ultrapassou a foz do Orenoco na primeira viagem, uma vez que, na segunda, não teve o menor interesse em revê-lo, apesar do magnífico fenômeno da pororoca, suficiente para atraí-lo novamente.

Hojeda não teria jamais ultrapassado Surinam. Em 5 de setembro de 99, diz êle que tocou em Yaquimo ou Puerto del Brasil, voltando à Espanha em abril de 1500. Afirmou, depois, em 1513, que la Cosa e Vespúcio foram seus companheiros naquela viagem. No entanto, coisa curiosa, Vespúcio, em carta detalhada a Soderini, naquela ocasião, não fez a menor referência nem a Alonso nem a la Cosa. Por outro lado, a parte central do relato do italiano Vespúcio coincide com a de Hojeda, mas o começo e o fim diferem totalmente. Vespúcio fala em 3 caravelas e Hojeda em 4.

As latitudes citadas pelo italiano são absolutamente falsas. Por outro lado, não convence o argumento de que Hojeda ocultou em seu relato a descoberta acintosa do Brasil, com receio de ser punido por fazer descobertas em terras sob jurisdição portuguesa. As distâncias percorridas também diferem enormemente nos relatos de Hojeda e de Vespúcio.

O MAPA DE LA COSA

O mapa feito por la Cosa, da viagem de Hojeda, perdeu-se. Existe uma cópia suspeita de ter sido enxertada. Cuba, por exemplo, aparece aí como ilha, quando se sabe que, em 94, sob coação de Colombo, êle jurou que Cuba era terra firme. Por outro lado, não aparece no mapa de la Cosa o rio Oiapoc, curso de água tão vasto que não poderia ser omitido se êle por ali passasse.

VICENTE YAÑEZ PINZÓN

Vicente Yañez Pinzón teria

descoberto o Brasil antes de Cabral.

Pinzón partira da Espanha em novembro de 99, voltando em dezembro de 1500, afirmando ter achado 600 léguas de costa. Nada trouxe que comprovasse as descobertas, inclusive porque chegou tão «quebrado», que não pôde pagar as mercadorias que levava, e foi processado por isso. Alegam os que lhe emprestam a descoberta do Brasil que, segundo uma carta executória de 21 de junho de 1501, teria êle saído com quatro caravelas, achando estas terras. Eis um trecho da carta, segundo o original: «... desde la punta de Sta. Maria de la Consolación siguiendo la costa hasta Rostro Hermoso, e de allí toda la costa que se corre al norueste hasta el dicho rio que vos posistes nombre Santa Maria de la mar dulce con las islas que estan a la bocca del dicho rio que se nombra Marina tubaro.»

Ora, seria incrível que Pinzón, tendo percorrido o Brasil de Norte a Sul, só se referisse a três acidentes: cabo inicial, o rio e as terras entre êles, sem qualquer detalhe.

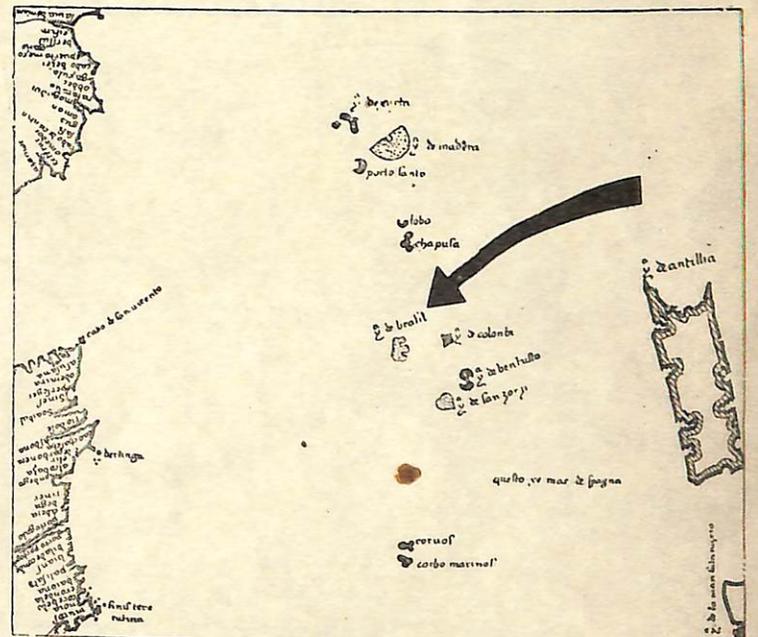
Para não estender mais a reportagem, basta dizer que não se pode admitir que Pinzón houvesse estado em outras terras que não fôsem terras acima da região amazônica. Os depoimentos no processo do filho de Colombo são cheios de contradições e não favorecem o navegador espanhol em hipótese alguma.

SOBRE DIEGO DE LEPE

Lepe, que partiu em viagem pouco depois de Pinzón, afirma ter chegado a uma região onde marcou uma árvore que dezesseis pessoas juntas não conseguiam abraçar. Tendo Diego chegado à Espanha em novembro de 1500, uma dedução é fácil: Saindo depois de Pinzón e voltando antes d'êlo, não teria tempo, em hipótese alguma, para descobrir o Brasil, uma vez que esteve na Hispaniola e não podia se afastar mais, voltando tão cedo como voltou.

AINDA OUTROS...

Os que negam Cabral, não ficam só aí. Acrescentam à lista de Vespúcio, Hojeda, Lepe e Pinzón, mais Alonso Vellez de Mendoza e Jean Cousin. O



DOCUMENTO CONTRA CABRAL

Ai está o mapa de Andrea Bianco, onde se encontra, à altura do nordeste brasileiro, a «Ilha de Brasil» (ay de brasil).

HENRIQUE VIII: CONTINUA CASANDO E DECEPANDO CABEÇAS

Londres, março, 1539 (Do correspondente)

Os boatos de novo casamento de Henrique VIII estão agora confirmados tal qual anunciamos em primeira mão. Trata-se de uma princesa alemã, Ana de Clèves, irmã do duque Guilherme de Clèves e através do qual pretende o chanceler Thomas Cromwell estabelecer estreitos laços com os príncipes germânicos.

CONTRATADO CASAMENTO

Londres, 24, setembro, 1539 (Urgente) — «Eu me responsabilizo pela sua beleza e pela conveniência política deste casamento.» Estas foram as palavras do chanceler Thomas Cromwell, no momento em que Henrique VIII assinava o contrato de casamento com Ana de Clèves, princesa alemã que está a caminho da Inglaterra.

OS «SEIS ARTIGOS»

Londres, 30, dezembro, 1539 (Urgente) — Foi aprovado pelo Parlamento o «Ato dos Seis Artigos», preparado depois de longos estudos de um grupo de teólogos da Igreja Anglicana, sob a direção do arcebispo Thomas Cramer.

De acordo com esse ato, constitui heresia punível com a fogueira, a negação de qualquer dos seguintes artigos: 1 — Transubstanciação; 2 — Comunhão em uma só espécie para os laicos; 3 — Celibato dos sacerdotes; 4 — Inviolabilidade dos votos de castidade; 5 — Necessidade de missas privadas; 6 — Necessidade da confissão auricular.

O governo e a Igreja estão dispostos a agir severamente contra católicos-romanos ou protestantes que não acatarem as decisões da Igreja nacional.

Rochester, 1º, janeiro, 1540 (Urgente) — Tremenda confusão se verificou hoje neste porto quando Ana de Clèves, esposa contratada de Henrique VIII — a quarta — desembarcou em território inglês.

O rei da Inglaterra, numa atitude absolutamente desleal, à vista de todos, murmurou ao ver sua nova esposa: — «Não é melhor que um quadrúpede flamengo.»

A frase, ouvida por muitos dos presentes, e o modo frio com que o rei cumprimentou Ana de Clèves, provocaram tremendo mal-estar tanto na embaixada da nova rainha como no meio dos nobres e do povo de Rochester, que se apinhava no cais.

Este correspondente, que se encontrava ao lado do chanceler Thomas Cromwell, pôde ver como ele empalideceu e não escondeu um estremecimento, uma vez que Henrique VIII, enquanto se retirava, lançava olhares mortais ao seu primeiro ministro.

O duque de Norfolk e o bispo Gardiner não escondem o seu contentamento. Ambos têm sido vítimas do poder quase total de Cromwell, que os humilha desde que ganhou a confiança de Henrique VIII. Agora, sentem que o grande favorito está próximo da desgraça, pois foi a eles que Henrique VIII segredou: — «Cromwell me pagará caro. O retrato que me mostrou favorecia muito essa estúpida princesa alemã. Que mulher horrível! Isto não ficará assim.»

Londres, maio, 1540 — Um homem foi enforcado hoje porque se comprovou que comeu



ANA (2ª)

Este retrato, segundo Henrique, não corresponde à realidade... Foi rainha 8 meses...

carne numa sexta-feira. Inúmeros protestantes têm sido queimados, uma vez que Henrique VIII não deseja, em hipótese alguma, deixar transparecer a menor ligação com os reformistas do continente.

Católicos romanos são decapitados na Torre de Londres. Do País de Gales e da Irlanda, submetidos ao poder real, chegam notícias no mesmo sentido.

O chanceler Thomas Cromwell, homem até há pouco todo poderoso, que chegou a ter o controle da política externa da Inglaterra, está praticamente em desgraça. Fontes bem informadas de dentro do palácio real dizem que Henrique VIII, por duas ou três vezes, teve verdadeiras crises de apoplexia em violentas discussões com o chanceler, que já não dispõe de poder algum. Norfolk e Gardiner fazem sérias acusações contra ele, levando o rei ao extremo do descontentamento com seu ex-grande favorito.

Londres, 10, junho, 1540 (Urgente) — Thomas Cromwell, chanceler e primeiro ministro, foi demitido de suas funções, preso e encarcerado em «Tower Hill», acusado de traição à Coroa.

Seus bens vão ser confiscados. Sabe-se que a fortuna de Cromwell monta a níveis incalculáveis.

O descontentamento do rei é resultante da escolha da sua quarta mulher, assim como dos péssimos efeitos políticos da união, uma vez que ela, embora aproximando a Inglaterra dos príncipes protestantes, cortou todos os entendimentos com o rei católico Carlos V.

O duque de Norfolk, como muitos outros nobres, a maioria, não esconde seu enorme contentamento com a liquidação de Cromwell. De fato ninguém tem dúvidas de que ele está irremediavelmente perdido.

EXECUTADO CROMWELL

Londres, 23, julho, 1540 (Urgentíssimo) — A cabeça de Thomas Cromwell rolou hoje

na «Tower Hill», sob o machado do carrasco. É o fim de um homem que levantou contra si próprio muitos ódios e, antes da sua, fez e viu cair centenas de outras cabeças.

«IMPORTUNA» A 2ª ANA

Londres, agosto, 1540 — Ana de Clèves, quarta mulher de Henrique VIII, praticamente não vive com seu real marido. Ele não esconde até mesmo uma certa repugnância por ela. Tratada como «importuna» dentro do seu próprio palácio, a segunda das Anas da vida de Henrique sofre, em sua insignificância de «princesa roceira», a amargura de ter sonhado com ser rainha aos 24 anos, idade que conta agora.

Não constitui segredo para ninguém que Henrique VIII se prepara para cancelar mais este matrimônio, afirmando-se, mesmo, que certa mãe do ramo dos Norfolk, Catarina Howard, que frequenta muito a residência do bispo Gardiner, estaria nas preferências do rei para um quinto casamento.

Apuramos que Henrique VIII enviou ao Parlamento um ato segundo o qual sua união com Ana de Clèves seria considerada nula, uma vez que, afirma ele, «o casamento não se consumou».

NOVO DIVÓRCIO DECRETADO!

Londres, 9, setembro, 1540 (Urgente) — O Parlamento aprovou hoje, por unanimidade, o ato solicitado por Henrique VIII, e que anula seu casamento com Ana de Clèves.

RETIRA-SE A «RAINHA»

Londres, 30, setembro, 1540 A rainha por oito meses, Ana de Clèves, uma vez deposta pelo marido, do seu coração e do trono, retirou-se para um castelo em Richmond, onde deverá viver. Ela se negou terminantemente a fazer qualquer declaração à imprensa e não demonstrou, à sua partida de Londres, qualquer amargor ou tristeza. Estava simplesmente fria e alheia a tudo que se passava em sua volta.

NOVO CASAMENTO

Londres, dezembro, 1540 (Do correspondente) — O novo amor de Henrique VIII é, de fato, Catarina Howard. Apuramos que a jovem, que não tem mais de 19 anos, é sobrinha do maior inimigo de Cromwell, o duque de Norfolk.

Nada há de oficial em torno das pretensões de Henrique, mas é quase certo que ele ou já se casou ou pretende casar-se secretamente com Catarina. A respeito, a reportagem procurou conhecer antecedentes da moça. Apuramos que ela recebeu uma educação muito livre e tem tido muitos namorados, entre os quais um músico por coincidência chamado Henrique e de sobrenome Mannoek; seu primo Thomas Culpepper e também um tal de Francisco Dereham, do qual parece que esteve mesmo noiva.

Catarina é de formação católico-romana, o que pode significar uma mudança na política de Henrique VIII.

Crise em Pôrto Seguro

Pôrto Seguro, dezembro, 1540

Graves acontecimentos agitam esta capitania de Pôrto Seguro. O capitão donatário Pero do Campo Tourinho, temperamental e violento, arriscou-se a perder um trabalho da mais alta importância para a metrópole. Colonos o consideram mesmo elemento pernicioso à política da coroa portuguesa. Principais queixas: Pero do Campo não tem religião e não aceita a crença de seus subordinados. A reportagem de O BRASIL EM JORNAL colheu depoimentos de diversas pessoas a respeito do assunto.

João do Outeiro, ferreiro na Vila de Pôrto Seguro, declarou-nos que, há já algum tempo, vem notando certas mudanças no comportamento do capitão.

— Ouvi, disse-nos textualmente, o dito governador dizer, por exemplo, que vale mais que os santos, que não trabalham nem pagam impostos. A mim mesmo, o governador afirmou: «Tu trabalhas e mereces mais que todos os santos e és mais santo que todos». Cruzando um dia com Tourinho, que me viu passar, perguntou-me de onde vinha. Respondi-lhe que vinha de Santo Amaro, aonde fora rogar que me curasse uma perna que estava doente. O governador retorquiu-me: «Ficarás curado como parvo é Santo Amaro. Vou mandar tirá-lo da igreja! Se eu te cuspir na perna, és capaz de ficar bom, pois deste modo já curei Gonçalo Fernandez».

João do Outeiro declarou-nos ainda que são comuns os xingamentos de Tourinho aos santos.

O vereador da Vila de Pôrto Seguro, Belchior Alvarez, ratificou as declarações de Outeiro e juntou que Tourinho não só não acata as tendências religiosas como desobedece, abertamente, certas determinações dos padres de Pôrto Seguro.

— Quando as coisas não lhe correm bem, juntou Belchior, o capitão ofende imediatamente os santos, atribuindo-lhes a culpa dos infortúnios.

Gomez Marques, morador nesta vila, declarou que já ouviu Tourinho dizer, alto e bom som, que não havia de guardar domingos e feriados.

— Para o capitão, acrescentou, isso é coisa de malandros que não querem trabalhar.

O próprio vigário desta vila de Pôrto Seguro, Bernardo de Aureajac, falando a O BRASIL EM JORNAL, esclareceu que Tourinho é uma alma danada: — Para ele, os homens valem tanto quanto os santos.

INTRIGA

Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, o capitão donatário Pero do Campo Tourinho desmentiu o que nós ouvimos dos homens de Pôrto Seguro que «não passava de intriga de vadios».

— «Quanto a eu não ser católico, respondo com fatos: construí várias igrejas. Na verdade, o que esta gente quer é não trabalhar. Só tenho proibido mesmo de se respeitar os dias de São Guilherme, São Martinho e São Jorge. Tais santos foram mandados respeitar pelo vigário, que é francês, e isto não me pareceu certo. O que há é muita devassidão, e, como castigo os viciosos, o povo não me quer bem algum.»

Concluindo, Pero Tourinho disse-nos que estava tranqüilo e não tinha de que temer.

— Qualquer insubordinação será punida dentro dos limites dos poderes que me foram conferidos.

PERIGO

Em Pôrto Seguro a situação é das mais tensas. Todas as pessoas gradas estão mais ou menos estremecidas com o capitão e o povo receia que, de um momento para outro, estoure um motim.

TRINDADE

FOI DOADA

Lisboa, 22, agosto, 1539 (Do correspondente)

D. João III ratificou, hoje, sua política de divisão territorial do Brasil entre pessoas chegadas à coroa.

A ilha de Ascensão, que alguns começam a chamar de Trindade, ao largo do litoral brasileiro, foi concedida, hoje, a Belchior Camacho.

Embora de reduzidas possibilidades econômicas, a concessão é considerada como que uma anuência real à política seguida pela chancelaria. Não faltam críticas dos especialistas, que pregam justamente diretriz monopolista total.

O sangue corre entre coração e pulmões!

Paris, dezembro, 1540 (Do correspondente)

Miguel Servet, médico e editor espanhol, acaba de divulgar importantíssima descoberta científica que contraria tudo que se sabe até o momento. Servet afirma que o sangue expulso do coração a ele volta pelas veias pulmonares!

Servet, que tem estudado dezenas de cadáveres, dissecando-os, afirma: — «Diferentemente do que se pensava, o coração e os dois pulmões humanos são estreitamente ligados por dois tipos de vasos. No primeiro corre o sangue negro e viscoso que aparece nas veias. No segundo, circula um sangue

vermelho, mais fluido, que irriga as artérias.

Em conclusão, o sangue venoso é mandado pelo coração aos pulmões para aí ser purificado em contacto com o ar, voltando em seguida para o coração.»

Essa revolucionária descoberta científica está fadada a provocar os maiores debates. Servet é, também, combatido teólogo, cujos escritos têm suscitado escândalos tanto na Espanha, sua terra natal, como na Alemanha e aqui na França. Seu mais combatido trabalho é aquele em que ele nega o dogma da Santíssima Trindade, trabalho que lhe valeu a inimizade e a perseguição de católicos, luteranos, calvinistas e de todas as seitas religiosas.

A verdade sobre o Descobrimento

A transição marcada pela queda de Constantinopla nas mãos dos Turcos em 1453, foi definitivamente configurada pelas grandes descobertas marítimas dos povos da Península Ibérica: travessia do Equador por Alvaro Estêves em 1471, passagem do cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias em 1487, descoberta da América por Cristóvão Colombo em 1492, abertura do caminho das Índias por Vasco da Gama em 1498 e, finalmente, o achado do Brasil por Pedro Álvares Cabral em 1500. Este encontro tem uma importância muito especial para a evolução e universalização da civilização cristã no mundo. Indo à Índia, para ali firmar com a instalação de uma feitoria o domínio comercial luso no Oceano Índico, de certo, como a lógica está a indicar, recebeu o capitão-mor da esquadra do rei D. Manuel a incumbência de, bordejando para oeste, verificar até onde se estenderia a chamada Quarta Orbis Pars, cujos arquipélagos e costas entre o equador e o trópico de Câncer os espanhóis estavam batendo e reconhecendo desde a primeira viagem do Almirante genovês em busca (não se perca isso de vista) dos arquipélagos asiáticos do Cipango ou do litoral do Catal. A chegada dos portugueses às praias brasileiras demonstrou a longa extensão do continente americano na linha norte-sul, correspondendo seu comprimento nesse sentido ao da Europa e África reunidas. E foi o descobrimento da terra de Santa Cruz, sem dúvida, que abriu as portas dos mares desconhecidos para aquelas expedições meridionais que exploraram toda a linha costeira sul-americana até além do Rio da Prata, coroadas pelo gigantesco empreendimento de Fernão de Magalhães, vencendo a extremidade continental na América, como Bartolomeu Dias e Vasco da Gama tinham vencido a da África, encontrando o Pacífico, como este último encontrou o Índico, dando pela primeira vez volta ao mundo.

Para o alargamento deste e para o ponto final no ciclo medievo, foram, sem dúvida, os portugueses os grandes arquitetos da nova era. Enquanto no decurso de quatro viagens, Colombo, sem descontinuar, embate de encontro às ilhas e praias da chanfrada parte central da América, o gênio português, por intuição feliz ou por explorações sigilosas, dá-se conta da extensão do continente pósto entre a Europa e a Ásia, vencendo-o pela hábil manobra dos desbordamentos. Em busca duma passagem, rumo à Ásia, pelo Noroeste, os irmãos Corte-Real, navegadores lusos, se imortalizam, descobrindo a Terra Nova, atingindo uma das extremidades setentrionais americanas. Outro navegante português, Pedro Álvares Cabral, afastando-se voluntariamente da rota para as Índias, realiza o achamento do Brasil, mostrando como o continente corria para o sul até pelo menos o trópico de Capricórnio. Diversos pilotos portugueses avançam pela linha costeira além desse círculo e um grande piloto, Magalhães, idealiza a complementação da obra iniciada por Cabral, alcançando ele próprio a passagem do Sudoeste, atravessando o Grande Oceano e permitindo ao seu sucessor no comando dar pela primeira vez volta ao mundo.

Compreendendo-se desta sorte, na tapeçaria dos descobrimentos marítimos em que se empenharam para a vida e para a morte castelhanos e portugueses, a grande importância do descobrimento do Brasil, tem-se a noção exata das causas que motivam as discussões em torno da autenticidade lusa do grande feito: ciúme e inveja do fecundo e concentrado nacionalismo lusitano, que, casando-se ao sentido ecumênico da propagação da fé e a uma ausência de preconceitos de raça e cor, eminentemente cristã, cobriram de glória os feitos espetaculares desses grandes marinheiros, que revolucionaram a arte naval com a caravela, usaram pomas, astrolábios e regimentos de léguas e ladezas, mas dos quais se chegou a dizer que navegavam por acaso, como se desde os tempos do Infante D. Henrique não se tivessem tornado mestres de todas as técnicas do mar... O próprio rei D. Manuel, na carta que escreveu em março de 1505 ao Rei de Espanha, comunicando a estadia de Cabral na terra de Santa Cruz ou Novo Mundo como que respondia por antecipação a tão aérea acusação: «Esta terra aonde eles fundearam é situada além do Trópico do Cancro em XIII graus; pois só marinheiros com seus quadrantes e astrolábios tomaram a altura; porque sempre navegaram para aqueles mares com instrumentos astrológicos...»

Dai o se querer, desta ou daquela forma, com estes ou aqueles argumentos, apontar outros descobridores do Brasil que não o Capitão-mor Cabral. Ajudados de textos vagos, hermenêuticas preconcebidas ou da própria fantasia, querem uns que, antes de Cabral, Alonso de Hojeda tivesse passado pelo Norte e Vicente Yañez Pinzón tivesse tocado o cabo de Santo Agostinho; outros afirmam que vieram ao Brasil Diego de Lepe e Alonso Vellez de Mendoza, o primeiro obscuro até que se lhe atribuisse uma pretensa viagem em 1499, o segundo mencionado tão-somente numa declaração de Rodriguez Serrão, em 1515; ainda outros admitem como descobridor do Brasil a Américo Vespúcio, cujas Cartas espalhafadas pela Europa lhe deram notoriedade maior do que merecia.

Não estamos aqui para refutar uma a uma, meticulosamente, essas afirmações. A documentação em que se estribam, quando não é fraquíssima, é suspeita ou manipulada a jeito como os leitores podem ver na reportagem que publicamos. Enquanto isso, a vinda de Cabral ao Brasil é um fato, um acontecimento documentado, confirmado, definitivo. Os portugueses avistaram a terra, nela desembarcaram, situaram-na de acôrdo com as coordenadas geográficas, descreveram minudamente por escrito tudo o que ocorreu, plantaram a cruz, disseram missas, deixaram degredados que tudo testemunhassem, comunicaram oficialmente o achado ao seu rei, tomaram posse oficial e ainda bateram alguns tratos da costa.

Isto é o que vale, o que ficará de pé na História. A discussão do assunto agita idéias, permite o livre câmbio de opiniões a respeito, esclarece o pensamento. Por isso abrimos as nossas colunas, entendendo que o assunto é palpitante. Temos, porém, no caso, opinião devidamente formada: o descobrimento do Brasil é obra dos portugueses e foi realizado por Pedro Álvares Cabral a 22 de abril de 1500.

VOCABULÁRIO BRASILEIRO

Abanador — Tatabecoaba
Ser avarento — Xerecoateim
Ser clemente — Xeporaucuba
Frade — Abarê
Cidade — Tabuçú
Cilada — Cotig
Cinza — Tanibuca
Cofre — Caramemoãmeri

Vocabulário para uso dos que viajam para o Brasil

Côco — Jnajuaguçu
Faca — Quigçê
Feijão — Comãda
Ser fiel — Naxememoãy
Filhote de animal — Taira
Flores — Igbotigra
Maltratar — Arecomemô



Na Alemanha, lugar onde as mulheres acham que o povo se veste mal, a moda é trajas vermelhas e bordadas de ouro.

As mulheres estão usando agora, uma espécie de touca. Vestido fechado no colo e sobre-saia com friso. As mangas são largas.

Os homens estão vestindo casaco curto. Calça justa e peito postiço. Nos ombros, a manga do casaco é «bouffante». Punhos rendados.

Pela foto, de um casal de príncipes alemães, pode-se verificar que, se o povo não se veste bem, da nobreza não se tem razão de afirmar a mesma coisa.



ÍNDIOS MATAM GOVERNADOR DO ESP. SANTO

Espírito Santo, dezembro, 1540 (Do correspondente)

D. Jorge de Menezes, governador interino desta capitania, acaba de ser morto pelos índios revoltados que, em seguida ao atentado, destruíram as plantações e incendiaram grande parte da povoação.

D. Jorge, assessorado por Simão de Castelo Branco, tomou conta interinamente do Espírito Santo quando Vasco Fernandes Coutinho partiu para a Europa em missão preparatória para incursões pelo interior, em busca de ouro e prata. D. Jorge, célebre por suas proezas na Índia, veio para o Brasil desterrado das Molucas por causa dos desatinos que lá cometeu. Aqui, juntamente com seu auxiliar, vinha praticando uma série de arbitrariedades contra os índios, levando-os à revolta que, finalmente, causou-lhe a morte. Duarte Lemos, outro auxiliar de Coutinho, se encontra ausente.

A sede do governo está praticamente cercada pelos índios.

TEATRO

MORREU GIL VICENTE

Lisboa, dezembro, 1540 (Do correspondente)

Morreu Gil Vicente, o gênio do teatro nacional português.

Seu "Auto da Floresta de Enganos" foi o canto de cisne do grande teatrólogo que, ante a ameaça da Inquisição, afastou-se discretamente para sua quinta de Mosteiro e evitou com muito cuidado qualquer escrito.

Seu nome, estamos certos, estará indelévelmente ligado ao idioma português e suas peças não envelhecerão nunca, porque Gil Vicente, a despeito de seus 70 anos, foi sempre um jovem pelo espírito.

Desde 1502 até 1536, divertiu a corte com suas saborosas peças e ajudou a formar em Portugal uma mentalidade teatral. Acusado uma vez de plágio, fulminou os detratores, conforme anunciamos na época, com a belíssima farsa de "Inês Pereira". Sá de Miranda atacou nos "Estrangeiros"; Gil Vicente respondeu com "Clérigo da Beira". Sua obra falava diretamente ao povo. Citamos, a respeito, o seguinte fato: sua obra conhecida como "Quem tem farelos?" foi assim chamada pelo povo que não se cansou de aplaudi-la, quando apresentada pela primeira vez.

Ator, além de autor, Gil Vicente, por quem hoje todo o país chora, deveu a sua filha Paula Vicente, prestimosa auxiliar, muito de sua fama. Era ela quem ajudava a passar a limpo suas garatuhas ininteligíveis.



O BRASIL EM JORNAL
EDITORA REFORMA S/A
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA
RIO DE JANEIRO

Secretário
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
HILDE e ADAIL
Chefe de oficina
RAUL F. S. LOPES
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO
Promoção
TITO S. CAVALCANTI

SUCURSAL EM S. PAULO
Pr. das Bandeiras, 40, 9º and.
conj. 9-C — Tel.: 33-6647

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 240,00
24 Nos. AÉREA... Cr\$ 300,00

MÚSICA

SALMOS

Os protestantes franceses estão cantando, entusiasticamente, os versos em paráfrase de salmos. A propósito, Clemente Marot concluiu, agora, 1539, um trabalho neste sentido e se prepara para lançá-lo na França, onde já circula uma edição anônima com 18 salmos e 3 cânticos.

Pessoas chegadas a Calvino informaram-nos que este, que realizava trabalho idêntico ao de Marot, suspendeu suas pesquisas para não prejudicar o musicólogo.

Na Faculdade de Teologia de Paris, a voz corrente é que a nova mania será combatida a ferro e fogo.



Era uma das mais belas mulheres da Europa

Toledo, 1º, maio, 1539 (Urgente)

Mulher de rara beleza e de grandes virtudes, a imperatriz Isabel faleceu hoje, cobrindo de luto o Império e levando a Portugal uma grande parcela da tristeza que toma conta dos corações espanhóis. Espósa do imperador Carlos V, era filha de d. Manuel o Venturoso, de Portugal, onde nasceu.

Em meio à tristeza e à dor que se mesclam aos preparativos para os majestosos funerais, Carlos V, inconsolável, não esconde as lágrimas e os soluços. Soubemos que o imperador se recolherá ao Mosteiro dos Jerônimos, em Sísia, onde permanecerá em retiro

absoluto durante algumas semanas.

Isabel, tão linda quanto virtuosa, pode ser considerada uma das mais belas e completas mulheres deste século, não só na Espanha e Portugal, como em toda a Europa.

Imperatriz aos 24 anos, pois se casou em Sevilha em 1526, ocupou por três vezes, com sabedoria, tato e firmeza, a regência de Espanha, quando seu marido se ausentou no comando das tropas ou para resolver os grandes problemas alemães e italianos.

Isabel deu a Carlos V três filhos: Filipe — com 13 anos — agora duque de Milão e herdeiro do Império; a infanta Maria, hoje com 12 anos e a infanta Joana com apenas 5.

A imperatriz morreu pela manhã quando dava à luz uma criança que seria o quarto filho do Imperador. Apesar de toda a assistência, o parto se complicou, vitimando mãe e filho. Isabel ia completar 36 anos em outubro.

NOVO EMBAIXADOR

Lisboa, outubro, 1540 (Do correspondente)

Um sobrinho do rei D. João III — o hábil e insinuante jovem D. Francisco de Noronha — é o novo embaixador de Portugal junto à corte de França. Substituirá o ex-feitor de Flandres, Rui Fernandes, que teve destacada atuação junto a Francisco I.

O novo embaixador está encarregado de missão especial — a de defender os interesses portugueses em mares e terras, ao que parece, ameaçados ante as notícias de que se estão preparando, sob os auspícios da França, expedições comandadas por Jacques Cartier e João Francisco de La Rocque, senhor de Roberval.

INQUISIÇÃO QUEIMA GENTE EM PORTUGAL

Lisboa, 22, junho, 1539 (Do correspondente)

Para subtrair a Inquisição ao controle dos núncios apostólicos em Portugal, D. João III tomou hoje, uma medida drástica: destituiu o inquisidor-mor Frei Diogo da Silva e nomeou para seu lugar o infante D. Henrique, seu irmão.

A explicação do rei para a remoção de Diogo da Silva foi por demais lacônica: «O cargo precisa ser exercido por quem lhe dê verdade, autoridade e consciência».

O núncio Jerônimo Recenati lavrou imediato protesto contra a destituição de Diogo da Silva.

DESAVENÇA ROMA-LISBOA

Roma, 12, outubro, 1539 (Do correspondente)

As gestões de Pedro Mascarenhas, embaixador português na Santa Sé, sofreram, hoje, forte golpe. O papa Paulo III promulgou a bula «Pastoris aeternis», considerada nova e clara proteção aos cristãos-novos. As ameaças de D. João III não pesaram, portanto, no ânimo do Papa, que, antes, declarara viciada a nomeação do infante d. Henrique para o cargo de inquisidor-mor do reino. Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, Mascarenhas disse que é certo que D. João não recuará de seu objetivo: — O infante será mantido no posto, doa a quem doer. As novas concessões serão combatidas pelos meios a nosso alcance.

RESISTENCIA PASSIVA

Lisboa, março, 1540 (Do correspondente)

O núncio Recenati recebeu, há dias, a bula «Pastoris aeternis», mas se recusou a publicá-la. Informa-se, na chancelaria,

DE SOTO RUMO À FLÓRIDA

Baía de Tampa, 1539 (Do correspondente)

O capitão Fernando de Soto, chefiando uma grande expedição (5 navios, 12 caravelas, 2 bergantins com 620 homens, 223 cavalos e muitos porcos), embarcou rumo à Flórida, cumprindo a missão determinada por Carlos V de ocupar e colonizar aquela região da América. Seu guia é o sevillano Juan Ortiz, um dos sobreviventes da expedição de Pánfilo de Narvaez.

De Soto se fez famoso pela sua destacada atuação como um dos capitães que seguiram Pedrarias Davila no Panamá e, posteriormente, como companheiro de Francisco Pizarro na conquista do Peru, onde, segundo se afirma, conseguiu acumular grandes riquezas. Vai, agora, à procura dos fabulosos tesouros que dizem existir na Flórida.

A designação de De Soto para explorar a Flórida causou certa surpresa, pois essa incumbência deveria ter sido atribuída a Alcar Nuñez Cabeza de Vaca.

que outra bula (secreta) também foi enviada ao núncio e dispõe que «os confiscos, nos crimes religiosos, ficam perpetuamente abolidos».

Segundo as mesmas fontes, D. João III continuará sua resistência pacífica às decisões do Sumo Pontífice.

PRIMEIRAS VITIMAS

Lisboa, 20, setembro, 1540 — Urgente — (Do correspondente)

Lisboa viu, hoje, pela primeira vez, o resultado prático

FERNANDO PIZARRO ENCARCERADO

Valadolid, 1540 (Do correspondente)

Fernando Pizarro, famoso conquistador do Peru, irmão do governador Francisco Pizarro, que aqui chegou recentemente, acaba de ser encerrado na prisão, onde cumprirá pena de 20 anos.

Fernando é acusado de ter morto Diogo de Almagro, antigo companheiro e sócio de Francisco Pizarro, mandado executar em 1538 por Fernando, por crime de deslealdade, conspiração e traição, fato noticiado pelo O BRASIL EM JORNAL em número anterior.

A principal razão da vinda de Fernando Pizarro até aqui era antecipar-se a Diogo de Alvarado e outros amigos de Almagro, partidos do Peru pouco antes, a fim de pleitearem os direitos do filho de Almagro e seu herdeiro aos títulos deixados pelo velho conquistador.

Sabe-se que Fernando Pizarro já havia sofrido prisão quando de sua passagem pela Nova Espanha, a caminho da Espanha. Prendeu-o o vice-rei Antônio de Mendoza, que o deixou, depois, embarcar em Vera Cruz, por não ter autoridade para detê-lo.

FALA PIZARRO

Valadolid, 1540 (Do correspondente)

Nossa reportagem conseguiu avistar-se com Fernando Pizarro na prisão da fortaleza de Medina de Campo. Embora alquebrado (está próximo dos

do estabelecimento da Inquisição em Portugal. Os primeiros condenados num auto-de-fé desfilaram hoje nas ruas lisboetas, sob a curiosidade e chacota do povo. É verdade que mesmo antes da Inquisição, em 1536, vários assassínios tinham sido perpetrados em nome da fé ultrajada. Mas o primeiro julgamento ocorrido agora, quando maior é a tensão das relações entre Portugal e a Santa Sé, apaixonou a opinião pública. As frentes das casas se engalanaram para ver passar as primeiras vítimas, queimadas em seguida ao cortejo.

60 anos), mostrou-se animado em sua próxima libertação. Insistiu em afirmar que foi vítima de intrigas dos almagristas, seus ferrenhos adversários no Peru. O que mais impressionou o repórter foi a grande preocupação de Fernando pela sorte de seu irmão, o governador Francisco Pizarro, o mais importante personagem da epopéia peruana. Acha Fernando que cedo ou tarde poderão os almagristas tentar qualquer vingança contra seu irmão, pelo qual demonstra Fernando acendrada amizade e admiração. Chegou mesmo a repetir para o repórter as palavras que disse a seu irmão, ao partir de Lima, no verão de 1539:

«Olha bem por tua saúde, irmão. Os do Chile (assim chamava Fernando aos almagristas) vão te dar trabalho. Envia comigo a Castela o môço (filho de Almagro) para evitar as ocasiões e apartá-lo das influências dos amigos. Parto deste reino com temor. Os inimigos vão fazer bandeira do môço e tirar-te a vida...»

ENVENENAMENTO

Valadolid, 1540 (Do correspondente)

Correm rumores de que Fernando Pizarro teria sido prêsso, também por suspeito de envenenamento de Diogo de Alvarado, seu principal acusador junto à corte espanhola. Alvarado havia desafiado Fernando para um duelo singular, mas apareceu morto cinco dias depois do desafio.

Duarte Coelho crivado de dívidas

Olinda, dezembro, 1540

O capitão Duarte Coelho se mantém ativo no trato da terra. As colheitas de cana têm sido consideradas ótimas e iniciou-se, há pouco, a construção de um enorme engenho. Duarte Coelho mandou pedir a D. João III que lhe concedesse licença para trazer alguns escravos da Guiné. Enquanto o consentimento real não chega, o capitão faz investigações quanto às possibilidades de se achar ouro pelo interior.

Ele planeja internar-se no sertão, mas considera arriscado deixar sua capitania indefesa. Em conversa com a reportagem de O BRASIL EM JORNAL, Duarte Coelho disse que, apesar da boa safra que terá, sua situação econômica não é boa.

— Estou cheio de dívidas e não posso suportar o pagamento do soldo de tanta gente.



MÚSICA NA GUERRA

Enquanto espanhóis lutam entre si, os incas descansam. Um grupo toca instrumento local.

LIVROS E AUTORES

Lisboa, novembro, 1540 (Do correspondente)

O matemático Pedro Nunes que já foi cosmógrafo do Reino, em 1529, subiu, pode-se dizer, no ano de 37, com a publicação de seu «Tratado da Esfera», mais um degrau para ser o cosmógrafo-mor de Portugal. Fala-se, também, que Nunes será nomeado em breve para a cátedra da Universidade de Coimbra.

Só não o foi porque sua indicação para o alto cargo implicaria em diminuir-lhe as rendas que lhe proporcionava o Infante D. Henrique, informou-nos uma fonte ligada ao rei.

Seu «Tratado da Esfera» condensa obras sobre diversos assuntos: o «Tratado da Esfera», de João de Hollywood; o «Tratado do sol e da lua», de Jorge Purbach; o primeiro livro da «Geografia» de Ptolomeu, com anotações e correções, e contém dois opúsculos originais: «Tratado sobre certas dúvidas de navegação» e «Definição da carta de marear». No primeiro, responde a perguntas que lhe dirigiu Martim Afonso de Sousa, após seu regresso do Brasil. No segundo, responde a crítica às suas respostas a Martim.

Mais duas informações sobre Nunes: 1) no momento está empenhado num invento destinado a ter grande importância para a Astronomia e, 2), não tem gostado das críticas que Diogo de Sá, velho soldado da Índia, vem fazendo sobre o «Tratado».

OUTROS LIVROS:

«Benefício della morte de Cristo», de Benedito de Mântua; e, publicado agora, mas que ainda não recebemos, a «Prima Narratio» de Reticus. Aguardamos para comentar essa obra do discípulo do monge Copérnico, sobre o qual já falamos.

★

Fala-se na Corte francesa que um menino, pagem do delfim Henrique — acompanhante da princesa Margarida à Escócia, quando do casamento desta com Jacques V — ver-seja admiravelmente bem. Seu nome é Pedro de Ronsard.

★

Podemos revelar, agora, a nossos leitores, o teor de uma carta que Erasmo escreveu de Basileia, em 24 de março de 1527, ao rei D. João III, oferecendo-lhe sua obra «Crysostomi lucubrationis»: «Aprendestes, em novo, o grego e o latim com homens muito sábios, dentre os quais Luís Teixeira. Depois, recebestes nas disciplinas matemáticas, astronomia e geografia, e enfim na história, essa grande filosofia dos reis, uma instrução tão boa que o vosso exemplo é capaz de despertar nos preguiçosos e refratários o amor às ciências».

★

Diogo de Teive, helenista de grande brilho, formado pela Universidade de Paris, professor da segunda cadeira de humanidades da Universidade de Coimbra, está preparando uma tradução da «Ciropédia», de Xenofonte.



Bruges, Países Baixos, 8, maio, 1540

Acaba de morrer nesta cidade o humanista e escritor João Luis Vives, um dos mais produtivos dos últimos tempos. Nasceu em Valença, na Espanha, há 48 anos, escreveu inúmeras obras de importância, tendo vivido algum tempo na Inglaterra.

Uma das últimas obras de Vives, publicada no ano retrasado, foi «Sabedoria e Alma». Fez desta cidade o centro de suas atividades, voltando raras vezes à sua pátria, a Espanha.

Na foto, Vives trabalhando.

FOGUEIRAS DE HEREJES NA FRANÇA

Cellini escapa novamente

Paris, 1539

Sua Santidade o Papa Paulo III mais uma vez perdoou o grande cinzelador Benevenuto Cellini e, como previmos, uma vez liberto, ele se dirigiu para esta cidade, onde se encontra como hóspede de Francisco I.

Cellini, recorda-se, tem uma carreira de pequenos e grandes crimes, o último dos quais foi o roubo de jóias valiosíssimas do Tesouro papal. Aqui em Paris se dedica à execução de obras de arte destinadas a enriquecer o patrimônio da Coroa francesa.

Este é um homem que indubitavelmente se mantém vivo por causa de seu gênio maravilhoso que lhe tem valido uma série de perdões e esquecimento para seus crimes.

JORNAL ECONÔMICO

AUMENTO DE SALARIOS

Lisboa, setembro, 1539 (Do correspondente)

Depois do aumento salarial concedido aos capelães, cantores e moços de capela, em janeiro de 1533, a vida encareceu e os músicos de D. João III pensam em solicitar novo reajustamento. Diogo Dias, violero de Sua Magestade, seria porta-voz de um pedido nesse sentido.

CONSTRUÇÕES PÚBLICAS

Lisboa, dezembro, 1540 (Do correspondente)

Segundo cálculos feitos pelo mestre das obras real, João de Castilho, a construção do convento de Tomar, até o presente, custou ao erário a quantia de 7 contos 425,833 reais. Nesta cifra estão incluídos os custos de material e mão-de-obra.

GREVE NA FRANÇA

Lião, dezembro, 1540 (Do correspondente)

A grande greve mais conhecida como «Trico», iniciada em agosto do ano passado nesta cidade, se estendeu até Paris e se espalhou por toda a França, paralisando o trabalho de artesãos, operários e aprendizes, principalmente no setor por excelência capitalista da indústria: a imprensa.

As reclamações de lado a lado não permitiram que, naquela ocasião, chefes e empregados chegassem a um acordo. Os aprendizes, por sua vez, reclamaram contra o pagamento cada vez menor que estavam recebendo, pois, ganhando em pão, virtualhas e vinhos, viram as quantidades de mantimentos diminuir dia a dia.

Nas célebres Ordenações de Villers Cotterets, em agosto de 39, o poder real se fez sentir, reprimindo com violência os movimentos de formação de grupos de profissionais e mesmo de patrões.

Assim é que o artigo 191 das Ordenações proibiu as coalizões de trabalhadores e patrões, juntos ou separados, assim como a realização de qualquer congresso «grande ou pequeno», seja por que motivo for, e monopólios ou entendimentos de uns com os outros.

ESCULTURA

Veneza, 1540 (Do correspondente)

Jacó Tatti, mais conhecido como «Sansovino» (tirou o nome de seu mestre André Sansovino), grande escultor florentino que se encontra nesta cidade desde 1527, começou sua obra para a «Loggetta» do Campanil de São Marcos. Conseguimos apurar que a obra de «Sansovino» será composta de quatro estátuas representando A Paz, Mercúrio, Apolo e Palas.

Católicos e protestantes em novos conclaves

Worms, dezembro, 1540 (Do enviado especial)

Daqui desta cidade, onde católicos e protestantes prosseguem em suas reuniões que nunca chegam a um resultado definitivo, podemos transmitir novidades sensacionais sobre a luta religiosa na Alemanha.

Dois importantes províncias acabam de passar do catolicismo para o protestantismo: o ducado de Saxe e o eleitorado de Brandemburgo. O eleitor deste último, Joaquim II, que vinha mantendo o primado de Roma nos seus domínios, aderiu à Liga de Smalkade. Por outro lado, a morte do duque Jorge de Saxe levou ao governo do ducado seu irmão Henrique que, imediatamente, se passou com armas e bagagens para a Liga.

Também o duque Guilherme de Clèves aderiu à Liga. Restam muito poucas forças aos católicos na Alemanha. Por isso, Carlos V não demonstra outro espírito senão o de pacificação momentânea para poder usar os princípios alemães, embora protestantes, contra o poderio otomano, ao mesmo tempo impedindo que eles se aliem novamente a Francisco I.

ESTOURA UM ESCANDALO

Worms, dezembro, 1540 (Do enviado especial) — Um tremendo escândalo vem se constituindo em ponto central das discussões extraconferência. Trata-se da revelação feita há tempos e totalmente confirmada, da prática de crime de bigamia por parte de Filipe de Hesse, chefe da Liga de Smalkade. O problema é sério e pode ser historiado da seguinte maneira.

Filipe, príncipe protestante, um dos organizadores da Liga e seu maior chefe militar, resolveu casar-se pela segunda vez. Não desejando transgredir a lei do Novo Testamento, se dirigiu a Lutero e Melancton no sentido de conseguir uma licença para o novo casamento, sem se divorciar de sua primeira mulher, da qual tem 7 filhos.

Os dois líderes reformistas, interessados no seu apoio, decidiram solucionar o caso. Abdicando de sua austeridade, encontraram no Antigo Testamento uma saída para Filipe: ele não se divorciaria, contraindo assim mesmo novas núpcias, mas em sigilo. A reportagem apurou que o segundo casamento do príncipe se deu a 4 de maio deste ano em Rotemburgo, secretamente.

No entanto, como era de se esperar, pouco depois o fato se tornou conhecido e estourou um enorme escândalo magnificamente explorado pelos católicos da Alemanha, que acusaram Lutero e Melancton de conestarem, protegerem e consagrarem a bigamia de Filipe de Hesse, embora «baseada» no Antigo Testamento...

O escândalo se alastrou e os dois grandes líderes da Liga — João Frederico de Saxe e Joaquim de Brandemburgo — se colocam inteiramente contra Filipe. Da mesma forma, procede Ulrico de Wurtemberg, todos procurando afastar Filipe do cenário político-militar.

Neste momento, as opiniões colhidas em todos os setores fazem prever a possibilidade muito imediata da adesão do bigamo Carlos V, sob cuja bandeira encontraria o perdão para o seu crime.

NOVO TRATADO DE PAZ

Frankfort (Alemanha), 20, abril, 1539 (Do correspondente) — Mais um acordo de paz acaba de ser assinado entre o imperador Carlos V e as forças alemãs da



SIBILA Irmã de Ana de Clèves e mais feliz que ela.

Paris, dezembro, 1540 (Urgente)

Protestantes estão sendo caçados pelos oficiais de justiça, sucedendo-se as execuções em toda a França, desde o dia 6 de junho, quando Francisco I, premido pelo Parlamento e pelas «forças de repressão à heresia», assinou um ato determinando a pena de morte para os adeptos da Reforma.

Em Paris, Ruão, Grenoble e Bordeaux, principalmente, sobem a centenas as execuções de homens e mulheres acusados de heréticos, nesta segunda metade do ano.

Pode-se, à primeira vista, atribuir a atitude violenta de repressão adotada por Francisco I, à dominação total da política de Montmorency e do cardeal de Tournon, que conseguiram, com seu prestígio e influência, a tiara de bispo na cabeça de um dos mais fervorosos adeptos dos patibulos e das fogueiras para protestantes: Guilherme Poyet. Logo em seguida, a 10 de dezembro de 38, foram revogadas as disposições de clemência de Coucy e Lião.

A 24 de junho do ano passado a legislação contra os herejes se tornou mais rigorosa e, finalmente, a 6 de junho último, foi promulgada a pena de morte.

Tal como previmos, a trégua de Nice, na qual Francisco e Carlos se deram as mãos, representou o início de uma era de sangue para os protestantes franceses.

Por enquanto, os mais nobres e os mais ricos, à custa de dinheiro, conseguem comprar um pouco de sossego. O comércio clandestino de passaportes para a fuga se desenvolve enormemente. Verdadeiras romarias de protestantes procuram atravessar as fronteiras para se refugiar na Suíça e na Alemanha.

CABEÇA DE VACA GOVERNADOR DO PRATA

Cadiz, outubro, 1540 (Do correspondente)

Alvar Nuñez Cabeça de Vaca, chefiando uma expedição de três navios e 400 homens, seguiu para a região do Prata, a fim de assumir o cargo de governador para o qual foi nomeado por capitulação real de 8 de março deste ano. Substituirá no posto a Pedro de Mendoza, que morreu na viagem para a Espanha, em 1537.

O novo governador, que responderá pelo extenso território que se estende das fronteiras do Peru ao estreito descoberto por Fernão de Magalhães, com sede na cidade de Assunção, já é sobejamente conhecido pela sua incrível epopéia de atravessar, a pé, toda a América do Norte, como noticiamos no número anterior.

PRETERIDO

Cadiz, outubro, 1540 (Do correspondente)

Cabeça de Vaca foi, segundo círculos bem informados, premiado com a sua nomeação para o governo do Prata. Compensou Carlos V, a preterição por ele sofrida na indicação para ocupar e colonizar as terras da Flórida. Para o importante posto foi designado o capitão Fernando de Soto, famoso pela sua atuação na descoberta e conquista do Peru.

Caminhos cruzados na trilha do Eldorado

Vale do Bogotá, 1539 (Do correspondente)

Pela primeira vez na conquista do continente americano, três expedições, partidas de pontos diferentes, mas com

DESAPARECE (NAUFRÁGIO) PERO LOPES DE SOUSA

Ilha de São Lourenço, dezembro de 1539 (Do correspondente)

O homem que castigou severamente os franceses de Pernambuco, Pero Lopes de Sousa, senhor de lotes de terra no Brasil, morreu inglôriamente no naufrágio de seu navio, ao largo desta ilha.

Pero Lopes comandava uma esquadra que fazia o policiamento do oceano Índico e na ocasião do naufrágio regressava a Portugal. O capitão deixa viúva D. Isabel Gamboa e não chegou a tomar posse da capitania mais austral que recebera, a de Santana.

O BRASIL EM JORNAL registra com extraordinário pesar a morte do capitão, não somente pelo que ele representou nos primórdios da exploração do Brasil, como, também, pelos inestimáveis serviços que prestou a este jornal, quando da expedição comandada por seu irmão Martim Afonso de Sousa.

ENSINO

Lisboa, 31, janeiro, 1539 (Do correspondente)

O rei D. João III resolveu tomar, hoje, importante decisão quanto ao ensino na Universidade de Coimbra. Informado de que certos professores (das Decretais, Digesto Velho e Institutas), em vez de ler por alto o assunto da lição, se detêm exageradamente nas dissertações, como para demonstrar suficiência, com grande prejuízo para os alunos, resolveu o rei que tais mestres, doravante, não reincidam nesse erro, sob pena de terem desconto das gratificações. Além disso, D. João III determinou respeito absoluto ao texto dos livros em que se costuma ensinar nas Universidades de Salamanca etc.

Coimbra, dezembro, 1540 (Do correspondente)

Coimbra, para onde foi transferida, em 1537, a Universidade de Lisboa, começa a atrair a atenção de toda a Europa. Após os primeiros estatutos da Universidade, em setembro de 1538, e a nomeação dos primeiros mestres, os cursos de Teologia, Cânones, Leis, Medicina e Artes já estão recebendo alunos vindos do exterior.

Por falta de instalações adequadas, D. João III determinou que a Universidade funcionasse nos paços da cidade.

A propósito, trazemos aqui um interessante depoimento sobre Coimbra, o de um estudioso das questões do ensino, Clenardo, que de Granada escreve a um antigo mestre, Látomo:

«Granada, 12, VII, 1539

Meu caro Látomo:

Passel por Coimbra, onde está a nova Universidade portuguesa, que el-rei vai fundando com ânimo verdadeiramente régio. Já em outra ocasião tive oportunidade de lhe falar sobre os ordenados dos professores; por hoje só lhe direi com pesar o seguinte: no inverno passado foi mandado para Coimbra um caudilho com um salário anual (calculai!) de mil ducados. Veja por aqui como são estimados os patronos das discórdias.

um só objetivo — o Eldorado — encontraram-se no mesmo local: o vale de Bogotá, que os indígenas chamam de Bacatá.

Os três capitães comandantes das expedições são: Gonzalo Jimenez de Quesada, mandado a esta região por Fernandez de Lugo e talvez o único intelectual, pelas obras que produziu, consideradas de alto valor literário, e pelo seu título de licenciado; Sebastião de Belalcázar, enviado por Francisco Pizarro a conquistar o reino de Quito e que, por própria conta, veio até esta região, e, finalmente, Nicolau Federman, valente capitão e aventureiro, que aqui chegou com seus soldados famintos e maltrapilhos.

Vale do Bogotá, 1539 (Do correspondente)

Ao contrário do que se esperava, nenhuma anormalidade aconteceu no encontro das três expedições que aqui se cruza-

ram, numa estranha coincidência. Tudo foi resolvido pacificamente, decidindo os três capitães que o imperador Carlos V será o árbitro do caso, embarcando todos rumo à Espanha. Apenas Federman teve alguma compensação monetária pelos esforços despendidos, tendo sido grande parte da sua gente, como a de Belalcázar, convidada a permanecer nesta região.

SHERE-KHAN OCUPA DELHI

Delhi, Índia, 1540

Com seus exércitos esmagados no ano passado e, agora definitivamente batidos, Houmayonn, sultão de Delhi, deixou esta cidade a galope, juntamente com um grupo de fiéis, abandonando seus tesouros, suas mulheres e todo o esplendor em que vivia.

Ele vem de ser derrotado perdendo este sultanato para o sultão Shere-Khan de Benarés. Prisioneiros e fiéis ao príncipe derrotado estão sendo massacrados nas praças e ruas desta cidade, enquanto Shere se faz proclamar sultão de Delhi.

PINTURA

CENTENARIO

Abrimos, hoje, um parêntese na nossa apresentação da pintura moderna, para homenagear um dos maiores nomes da pintura em todos os tempos: Jean van Eyck e seu irmão Huberto puseram em prática, pela primeira vez, a pintura a óleo, no «Cordeiro Místico».

Exatamente há cem anos, em 17 de junho de 1439, Jean retratou, magnificamente, sua mulher Margarida, em quadro que ainda hoje circula com a inscrição predileta do pintor: «Ais ich can» (tudo o melhor que pude).

Jean era especialista da pantomima, haja vista o quadro do mercador Arnolfini com sua mulher. Arnolfini aparenta ter 35 anos e sua mulher é ainda uma criança. O marido, no quadro, parece explicar-lhe suas idéias de família, muito seriamente e ela escuta preocupada. Ambos estão vestidos com luxo. A esposa deve estar ouvindo que uma mulher fiel não pode ter caprichos que o marido não cumpra. O cãozinho, no primeiro plano, é o que mais humanamente participa da graciosa comunicação dos

cônjuges. O quadro é, todo êle, uma comédia cheia de humor, que reproduzimos.

Outro quadro do artista a quem hoje rendemos homenagens é o de Baldovino Landy, que Eyck nos apresenta como o protótipo do homem frio e político intransigente.

Jean van Eyck criou a arte flamenga. Suas figuras têm realidade, profundidade e energia. Ele era um gênio e um gênio não morre senão no sentido de deixar de produzir. Isto foi o que lhe aconteceu em Bruges, no ano de 1440, há cem anos.



Veneza, 1540

O "TINTORETTO"

O filho de um tintureiro — um "tintoretto" de 22 anos, pois nasceu a 16 de setembro de 18 — é conhecido nos subúrbios desta cidade como Jaime, o pintor. Os garotos da rua ao vê-lo pintar em sua mansarda, gritam: — "Tintoretto! Tintoretto!"

O repórter viu-o à janela com um pincel à mão. Palestrou alguns minutos com êle.

— "Pinto desde os cinco anos. Sou grande admirador de Miguel Ângelo e, embora aprecie a pintura de Ticiano, tenho profunda antipatia por êle. Quando tinha dez anos, meu pai me levou ao seu «atelier» para praticar e aprender. Se não fosse convencimento, diria que Ticiano teve inveja do que eu fazia com tão pouca idade, pois não me quis ao seu lado de modo algum".

Apesar de conhecido apenas como "Jaime, o pintor" ou, simplesmente, "Tintoretto", nos bairros pobres desta cidade, seu nome é Jacob Robusti, tendo nascido aqui mesmo.

Um dia, esperamos voltar a falar nesse jovem "tintoretto" que se gaba de, aos dez anos, ter feito inveja a Ticiano...

...Ticiano, que recentemente concluiu a "Apresentação do Templo", está já trabalhando em outras telas. Podemos adiantar a nossos leitores que são quadros de muito movimento.

...Por falar em Ticiano, o pintor revelou-nos que, depois da morte de sua mulher, há 10 anos, e após ter estabelecido seu «atelier» em Biri-Grande, bairro afastado da cidade e perto da lagoa de Murano, perdeu o gosto das viagens.

...Grande escândalo na arte: João Batista Rossi acusou seu amigo Pellegrino de ladrão. Pellegrino foi submetido a tortura, para confessar o que roubara. Até agora, nada. Rossi, que é pintor, foi mandado vir da Itália, em 1530, para assumir a direção dos trabalhos artísticos que se executavam em Fontainebleau. O escândalo estourou na corte de Francisco I e até agora não se sabe o que irá acontecer ao denunciante, que, segundo nos informaram, deixou-se levar por intrigas de terceiros.

EM SOCIEDADE

O delfim de França, Henrique, passou alguns dias com Diana de Poitiers (sempre bonita) no castelo do Grão-Mestre Montmorency, em Ecouen. Toda a corte comenta: as janelas do castelo têm vitrais tão licenciosos, que a luz que os atravessa enrubresce de vergonha...

Ainda repercute em Paris, com graves conseqüências para muitos lares, o poema de Clemente Marot «Adeus às mulheres de Paris». Muitos maridos se viram retratados como vítimas de adultério e muitas mulheres se arrependem de haver conhecido o poeta que agora compõe cânticos edificantes...

Outra intriga parisiense: a duquesa d'Etampes prossegue em sua campanha contra Diana de Poitiers. No ano passado, a duquesa encomendou a Jean Visagier um panfleto contra sua inimiga. Aqui vai um pedaço desta obra-prima de injúrias: «Tu, que pintas teu rosto de cores emprestadas, que enfeitas tua boca de dentes falsos, que ocultas a neve de tua cabeça com cabeleira postiça, na esperança de que os jovens te sigam, tu és muito imbecil...»

Resposta de Diana: «Feitiçeira e corruptora de menores!...»

Esta aconteceu pouco antes da chegada de Carlos V a Paris. Francisco I perguntou ao bôbo da corte, Triboulet, se devia prender o imperador, como represália à prisão que êle mesmo sofrera de Carlos V.

— Sim, respondeu o bôbo.

— Não, não o farei.

Triboulet toma de seu «Journal dos Loucos» — um boletim debochativo — e escreve qualquer coisa. Francisco observa-o.

— Escrevi o nome de teu imperial cunhado. Só louco vem meter-se na boca do lóbo, diz Triboulet.

— E o que farás, seu eu o deixar passar livremente?

— Riscarei o nome dêle e escreverei o seu, meu senhor.

Comenta-se na corte de Francisco I o êxito alcançado pelo embaixador de Portugal, D. Francisco Noronha, junto às altas personalidades, figurando entre elas a formosa duquesa d'Etampes, favorita do rei da França. O jovem diplomata, se bem não venha obtendo total sucesso, conseguiu, todavia, assentimento no sentido de que sejam levados em conta os pontos de vista

de Portugal quanto aos seus direitos sobre o litoral do Brasil e a costa da Malagueta.

O bôbo da Corte, Triboulet, para desagrado de muitos, continua com grande prestígio junto ao rei. Ontem queixava-se a Francisco I de que um dos grandes do reino tramava sua morte.

Francisco não se conteve: — Se êle o matar perde a cabeça quinze minutos depois.

— Sire, suplico o bôbo — eu prefiro que seja um quarto de hora antes...



TRIBOULET e FRANCISCO I

O bôbo e o rei. O bôbo pode tanto quanto o rei... às vezes

Muito galante o imperador. Ontem, ao voltar da caça, em companhia de Francisco I, quando um criado lhe trouxe a toalha para lavar as mãos, deixou cair um anel de alto custo. A duquesa d'Etampes apanhou-o e ia devolver-lhe, mas o imperador não o aceitou.

— Rogo-vos que o guardéis, minha senhora. Está em mãos muito belas para que eu o aceite de volta.

Gente que estava por perto viu no gesto mais que uma gentileza. Carlos V se sente realmente inseguro e já compreendeu que quem manda mesmo é a duquesa d'Etampes.

D. João III não tem estado nada satisfeito com o que vem acontecendo com relação à Inquisição. O rei mandou dizer a seu embaixador em Roma, D. Pedro Mascarenhas, que têm aparecido em vários lugares da cidade e nas portas da Sé cartazes insultuo-

sos à Santa Sé. D. João III quer a Inquisição livre em Portugal. Em sociedade sabe-se tudo...

Olinda, 1539 (Do correspondente)

O capitão de Pernambuco é pai pela segunda vez. D. Brites de Albuquerque teve outro filho a que será dado o nome de Jorge. O primogênito, Duarte, completou, ainda há pouco, 2 anos.

Estamos informados de que Duarte Coelho, embora satisfeito, teve um desapontamento: esperava uma menina.

Teodoro de Bèze, escritor protestante, é considerado o maior libertino da França. Seu tempo é muito pouco para as mulheres bonitas. Versos de muito sucesso circulam, em Paris, sobre a única preocupação de Bèze. Infelizmente não os podemos transcrever...

Dezembro, 1539. O imperador Carlos V está em Paris! Os boatos fervilham na corte. O mais insistente é o que pretende que Francisco I e a duquesa d'Etampes querem obter a mão de uma das filhas do imperador para o príncipe Carlos, filho mais moço do rei. Motivos de Francisco: equilíbrio na política européia. Razões da duquesa: diminuir a influência da favorita de Henrique (primogênito do rei), Diana de Poitiers. O jôgo é complicado mas muita gente já percebeu onde a duquesa pretende chegar.

O assunto em Paris é decididamente Carlos V. Diz-se que o imperador não fez muito boa viagem da fronteira da Espanha até Paris. Vários incidentes desagradáveis aconteceram com sua imperial pessoa, o que aborreceu muito a duquesa d'Etampes e a Francisco I, que se esforçaram para tudo lhe correr bem. Carlos V está meio assustado, apesar dos esforços do cunhado Francisco I. A última que aconteceu ao imperador foi de arrepiar.

Numa destas tardes, em Fontainebleau, o príncipezinho Carlos fez uma brincadeira que ultrapassou os limites. O imperador estava comodamente a cavalo quando o menino enlacou-o pelas costas e disse-lhe: — Majestade, sois meu prisioneiro...

Carlos V empalideceu, custando a compreender que se tratava de uma brincadeira infantil...

CARLOS V HÓSPEDE DE FRANCISCO I!

Paris, janeiro, 1540

Novamente conflagrada a Hungria

Buda, Hungria, 22, julho, 1540 (Urgente)

Acaba de falecer o rei títula da Hungria otomana, Jean Zapolya. Esta cidade está vivendo momentos de efervescência, tendo em vista que os choques entre cristãos e otomanos se desencadearão novamente. Zapolya deixa um herdeiro nascido há algumas semanas e cuja mãe, Isabel, é filha do rei Sigismundo da Polônia.

A criança de menos de um mês foi batizada com o nome de Jean Sigismundo Zapolya, já chamado pelos turcos de «Etiene».

A situação é confusa, uma vez que se espera a deflagração de um novo conflito entre os turcos e os húngaros e alemães de Fernando da Áustria, irmão mais jovem de Carlos V.

TRATADO SECRETO

Viena, setembro, 1540 (Do correspondente) — Revela-se agora, oficialmente, que Fernando I de Áustria tem em seu poder um tratado secreto segundo o qual Zapolya concordava no ano da assinatura — 1538 — em, depois de sua morte, entregar a coroa da Hungria ao irmão de Carlos V.

No entanto, notícias aqui chegadas informam que a rainha-mãe Isabel foi reconhecida pelos turcos como regente, sendo seu filho, de menos um ano, considerado sucessor de seu pai. Para isso pagariam os húngaros a Solimão, o Magnífico, um tributo de 50 mil florins.

MARCHAM AS TROPAS

De um ponto qualquer ao largo de Buda, junto às tropas de Fernando que sitiavam a cidade — dezembro, 1540 (Do enviado especial)

Tropas alemãs e austríacas, sob o comando do rei Fernando e tendo a reforçá-las contingentes húngaros, depois de marchas forçadas, sitiavam a cidade de Buda que resistia facilmente aos primeiros ataques.

Soubemos por espiões vindos da cidadela húngara que o sultão Solimão estaria em marcha com suas tropas para garantir a cidade e desbaratar as tropas de Fernando com as quais nos encontramos.

Solimão, falando à imprensa teria declarado: — «Não cederei um palmo da terra que conquistei com a lâmina da minha cimitarra».

CORONADO NA AMÉRICA

México, 1540 (Do correspondente)

Partiu daqui uma expedição chefiada por Francisco Vasquez Coronado e composta de 300 espanhóis e 800 índios mexicanos. Sabe-se que Coronado dirige-se para explorar o norte da América, tendo dividido sua tropa em dois grandes grupos. Faltam mais detalhes sobre essa nova aventura, que, a exemplo das demais, foi organizada para atingir regiões e cidades onde dizem abundar grandes tesouros, em mãos dos indígenas.



PAULO III E LOIOLA

Exato momento em que o Papa entregava a bula ao fundador da Companhia de Jesus.

O Papa oficializa "Companhia de Jesus"

Roma, 27, setembro, 1540 (Urgente)

Com diplomacia, inteligência, tato e o auxílio de Margarida de Parma e do cardeal Contarini, Inácio de Loiola conseguiu hoje ver o Papa Paulo III oficializar o grande sonho de sua vida: a «Companhia de Jesus».

Em bula intitulada «Regimini militantis Ecclesiae», Sua Santidade sancionou a constituição da companhia, assim como o seu nome e colocou-a sob a proteção da Santa Sé, determinando o número de membros não ultrapassasse de 60.

Loiola, contentíssimo, disse-nos: — «Estou feliz e grato a Sua Santidade. Que Deus me proteja, me inspire e me acompanhe na luta que vou encetar para maior grandeza do Seu nome.»

A LUTA DE LOIOLA

Como noticiamos, Loiola vinha encontrando dificuldades em Roma. No entanto, desde o inverno do ano passado, quando a escassez de gêneros gerou a fome nos bairros pobres, sua abnegação e seu trabalho ininterrupto em favor dos pobres liquidaram com as campanhas dos opositores. Na organização dos estatutos da «Companhia», ficou previsto a eleição de um superior com poderes ilimitados. A Companhia de Jesus é diferente de todas as antigas ordens religiosas existentes. Consta dos seus artigos a admissão de apenas homens cultos, capazes de pregar e es-

CHEFE MILITAR (DESONESTO) VAI PARA A CADEIA

Paris, dezembro, 1540

Ao mesmo tempo em que a situação França-Espanha volta a se agravar, o almirante Chabot de Brion, maior inimigo de Montmorency, caiu em desgraça. Protegido da duquesa de Etampes, amiga do rei, contra Diana de Poitiers, amiga do delfim Henrique e, por sua vez, protetora de Montmorency, Chabot foi processado por desídia e roubo de dinheiros públicos.

Na verdade, apurou-se que, no governo da Bretanha, ele praticou atos desonestos e se mostrou corrupto ao extremo. Seus bens estão sendo confiscados e, no próximo mês, deverá ser dada a público a sentença final, sendo certo que o almirante não escapará da prisão. Não tem adiantado a Chabot nem mesmo o fato de ter sido grande amigo de infância de Francisco I.

crever bem. Loiola e seus companheiros deram à Companhia um verdadeiro regulamento militar, para tornar mais efetivo e rápido o cumprimento das determinações. Além dos três votos regulares, acrescentaram um especial, de obediência ao Papa.

A 24 de junho, Loiola resumiu a constituição da ordem em cinco artigos que foram submetidos ao Papa pelo cardeal Contarini. A 3 deste mês o documento recebeu a aprovação oral do Papa.

No entanto, uma hesitante comissão de três cardeais incumbidos de estudar a aprovação em bula, parecia protelar a solução definitiva. Foi a ação decisiva de Contarini e de Margarida de Parma que fizeram com que, hoje, Sua Santidade Paulo III consagrasse definitivamente a Companhia de Jesus.

CALVINO CHAMADO A GENEBRA

Worms, 1540

João Calvino, o pregador reformista, vem sendo seguido pelos delegados de Genebra, Lausane e Berna, que tudo fazem para que ele retorne, uma vez que seus adeptos triunfaram na maior parte da Suíça. Calvino se encontra aqui vindo de Haguenau. Lá, como agora, tomou parte nas conferências religiosas que noticiamos em outro despacho.

Falando a este enviado especial, Calvino declarou: — «Não sei se atenderei ao pedido. Farel, Viret e tantos outros, insistem que eu retorne. Escrevi no ano passado uma longuíssima carta ao cardeal Sandolet, de Genebra, mostrando em termos vigorosos mas isentos de paixão o que é e o que pretendo a Reforma.»

Sei, perfeitamente, que o povo de Genebra quer que eu volte. No entanto, antes de tomar qualquer decisão, tenho de me dedicar um pouco à propagação de meu livro «Comentários à epístola aos Romanos», assim como da edição latina do «Instituição Cristã». Por outro lado preciso ajudar e encorajar os fugitivos de França, onde as execuções se sucedem. De qualquer forma, antes de tomar qualquer rumo definitivo, assistirei à nova conferência marcada para o próximo ano em Ratisbone, onde pretendo encontrar Melancton com o qual tenho muito o que debater.»

Perguntado sobre sua posição em relação à unificação religiosa, Calvino foi categórico: — «Sou radicalmente contrário à aproximação das Igrejas.» Sobre Inácio de Loiola declarou apenas: — «Um homem inteligente e estudioso. Foi meu colega de estudo na França.»

Em meio a deslumbrantes festejos e extraordinárias manifestações, chegou a esta capital o imperador Carlos V, até ontem grande inimigo de França e agora, com passagem livre por seu território para esmagar a revolta da cidade de Gand, na Flandres.

Desde 20 de novembro que o Imperador se encontra em território francês. As cidades, vilas e povoações se engalanaram para assistir à passagem de Carlos V e seus exércitos. As armas antes erguidas contra os espanhóis foram ensarilhadas...

Francisco I — o cunhado inimigo — procedeu de maneira verdadeiramente espetacular em relação ao Imperador do qual já foi, até, prisioneiro. Quando Gand se revoltou, no ano passado, premida pelos elevados impostos, enviou ao rei de França emissários propondo a anexação da região aos domínios gauleses. Francisco, além de recusar, deu conhecimento do fato a Carlos e, surpreendentemente, ofereceu ao seu encarnado inimigo passagem livre por território francês para que ele pudesse, mais facilmente, liquidar a revolta.

Acelta a oferta, aqui se encontra Carlos V com uma corte magnífica e um grande exército. Os dois soberanos têm visitado Paris e as festas se sucedem, todas em homenagem a Carlos V. Por ordem do rei, a cidade está engalanada e o povo brada «vivas» ao mesmo homem contra o qual gritava «morra!», ontem.

Francisco e Carlos têm sido vistos abraçados em visita a monumentos, igrejas e obras de arte. Muitos nobres espanhóis consideraram temerária a entrada de Carlos na França, uma vez que temiam uma armadilha de Francisco I. No entanto, a reportagem pode garantir que as disposições do rei de França são excelentes e que todas as medidas de segurança foram tomadas para proteger a vida do Imperador, enquanto ele se encontrar em solo francês.

O BRASIL EM JORNAL conseguiu fixar um dos mais raros fragmentos da História, colhendo juntos numa visita à igreja de Saint-Denis, Francisco I e Carlos V. Um flagrante que, talvez, não se repita em ocasião alguma.

ESMAGADA GAND

Madrid, setembro, 1540 (Urgente) — Regressou à Espanha o Imperador, sua corte e seus exércitos, depois de massacrarem impiedosamente a cidade de Gand.

A cidade sofreu um castigo impiedoso, sendo os principais responsáveis pela rebelião executados sumariamente. Todas as franquias de que gozavam os habitantes foram retiradas. A repor-

tagem recorda que, por coincidência, Gand é a cidade natal de Carlos V, seu algoz de hoje.

MAL-ESTAR INTERNACIONAL

Madrid, outubro, 1540 (Urgente) — O Imperador acaba de doar a região italiana do Milanês, onde se encontra Milão, a seu jovem filho Filipe, que se torna, assim, duque de Milão. A doação está fadada a prejudicar em muito a trégua de dez anos assinada com Francisco I. Circulos bem informados e observadores imparciais acreditam que o rei de França, cujo grande sonho é a conquista de Milanês, não aceitará de bom grado a atitude de Carlos V.

NOVAMENTE «GUERRA FRIA»

Paris, dezembro, 1540 — O rei está absolutamente irritado com a notícia da doação do Milanês ao jovem — 14 anos — príncipe Filipe, por seu pai Carlos V. Sabe-se que durante a visita do Imperador a esta cidade, ficara mais ou menos assentado que Milão se tornaria francesa.

A primeira consequência da notícia foi uma reunião prolongada e secreta de Sua Majestade com o condestável Anne de Montmorency. Como se sabe, o chefe militar francês tem sido o maior batalhador da política de paz e boa-vizinhança com Carlos V. Ficou, assim, como uma espécie de fiador junto a Francisco I quanto às ações praticadas pelo Imperador.

Embora nada transpirasse do encontro a portas trancadas, sabe-se que a posição de Montmorency não é nada boa. Alguns elementos mais chegados ao Conselho Real afirmam que a desgraça do condestável está selada e que as juras de amizade trocadas entre Francisco e Carlos, aqui em Paris, há tão pouco tempo, vão ser substituídas por tiros de canhão.

Como se repete em cada canto, os ouvidos mais apurados já estão ouvindo cantar «o galo dos reitres»... A trégua de dez anos não é coisa que suporte muito mais tempo.



CARLOS E FRANCISCO

O imperador — de luto por sua mulher Isabel — visita com o rei de França a igreja de Saint-Denis em Paris.